



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA - DEFIL
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

MENARRY DIANGELY SILVA LUSTOSA

O CONCEITO DE LIBERDADE NO EXISTENCIALISMO SARTREANO

CAMPINA GRANDE - PB

2019

MENARRY DIANGELY SILVA LUSTOSA

O CONCEITO DE LIBERDADE NO EXISTENCIALISMO SARTREANO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Graduado, pelo Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – Campus I – Campina Grande – PB.

Orientador: Prof. Dr. Ramon Bolivar Cavalcanti Germano.

CAMPINA GRANDE - PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L972c Lustosa, Menarry Diangely Silva.
O conceito de liberdade no existencialismo sartreano
[manuscrito] / Menarry Diangely Silva Lustosa. - 2019.
23 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Ramon Bolivar Cavalcanti Germano
, Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."
1. Existencialismo. 2. Filosofia. 3. Liberdade. 4. Angústia. I.
Título
21. ed. CDD 111.5

MENARRY DIANGELY SILVA LUSTOSA

O CONCEITO DE LIBERDADE NO EXISTENCIALISMO SARTREANO

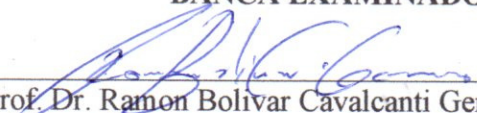
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Graduado, pelo Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – Campus I – Campina Grande – PB.

Orientador: Prof. Dr. Ramon Bolivar Cavalcanti Germano

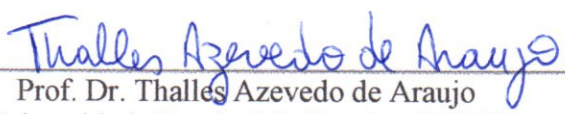
Aprovado em: 30/05/2019

Nota: 8,0 (Oito)


BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Ramon Bolivar Cavalcanti Germano (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Thalles Azevedo de Araujo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

CAMPINA GRANDE - PB
2019

À minha família dedico este trabalho.

“O essencial não é o que fizeram do homem,
mas o que ele faz daquilo que fizeram dele”.

(Jean-Paul Sartre)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. COMO O NADA APARECE.....	10
3. A ANGÚSTIA.....	14
4. O HOMEM É CONDENADO A SER LIVRE.....	17
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS.....	22

O CONCEITO DE LIBERDADE NO EXISTENCIALISMO SARTREANO

THE CONCEPT OF FREEDOM IN SARTRE'S EXISTENTIALISM

Menarry Diangely Silva Lustosa

RESUMO

No presente artigo desenvolveremos um estudo do conceito de liberdade na filosofia existencialista do filósofo Jean-Paul Sartre, proporcionando uma investigação nos fundamentos que compõem este conceito. Dessa forma adentraremos em sua obra capital *O Ser e o Nada* para podermos compreender a visão do autor nesse tema, não obstante percorreremos nosso estudo também em obras de outros autores anteriores a Sartre, como *O conceito de angústia* de Søren Kierkegaard. Com o objetivo de alcançar um entendimento sobre a visão de liberdade do existencialismo e dos conceitos que acompanham o de liberdade: a Angústia e o Nada.

Palavras-Chave: Existencialismo. Filosofia. Liberdade. Angústia.

ABSTRACT

In this article we will develop a study of the concept of freedom in the existentialist philosophy of the philosopher Jean-Paul Sartre, providing an investigation into the fundamentals that make up this concept. In this way, we will enter into his work *The Being and the Nothing*, in order to understand the author's view on this subject. Nevertheless, we will also study the works of other authors before Sartre, such as Søren Kierkegaard's *Concept of Anguish*, with the objective to reach an understanding on the vision of freedom of existentialism and the concepts that accompany that of freedom: Anguish and Nothing.

Key-words: Existentialism. Philosophy. Freedom. Anguish.

1. INTRODUÇÃO

A ideia de liberdade esteve sempre presente em toda a história da humanidade. Ela foi tema central em diversas correntes filosóficas e, por ser uma problemática inerente à condição humana, sem dúvida é um dos conceitos que mais proporcionou discussões à humanidade. Ao observarmos a história, o que se pode notar é que a liberdade é o fundamento do mundo o qual conhecemos hoje, é uma concepção que proporciona consequências diretas na realidade, uma ideia que perpassa toda a história humana encadeando mudanças decisivas. O conceito de liberdade teve inúmeras definições durante os séculos, o que gerou indiretamente diversas revoluções e guerras. A problemática da liberdade é ainda nos dias atuais algo bastante atual e complexo. As definições mudam, mas a essência da questão permanece em aberto. Ela passa por questionamentos éticos na antiguidade, adentrando no campo da ontologia séculos mais tarde. Em todos os seus aspectos a discussão sobre a liberdade é algo diretamente ligado à condição humana.

Por ser uma criatura sociável, o ser humano enfrenta diversos dilemas a respeito de seu agir entre seus iguais. Nesse sentido, a liberdade apresenta um problema fundamental para o convívio em sociedade: como o homem pode ser livre sem com isso prejudicar os próximos a ele? É nestas circunstâncias que o existencialismo sartreano encontra um espaço para elaborar suas discussões na filosofia do século XX. Isso se deve ao fato de que essa corrente filosófica tenha ganhado força por causa dos acontecimentos que ocorreram durante aquele século, como a ascensão de regimes totalitários e a segunda guerra mundial, o mais terrível dos conflitos que a humanidade já presenciou, onde o homem testemunhou os horrores do holocausto e das novas tecnologias bélicas que o aproximaram de sua possível aniquilação.

O existencialismo, dentre outras questões, toma a liberdade como tema para fundamentar seu arcabouço teórico, pois compreende que a liberdade é uma questão que envolve diretamente a condição humana. Nesse sentido, compreende-se o conceito de condição humana como o homem no mundo, imerso em sua subjetividade, sem qualquer subterfúgio para justificar seu agir. Em Sartre, o homem está só, jogado no mundo, é responsável por si mesmo; encontra-se em um projeto que é sua própria existência.

A liberdade é um conceito fundamental para o existencialismo, mas ele sempre aparece acompanhado por dois outros conceitos que também são muito importantes, a saber: a angústia e o nada. Eles estão tão interligados que quando falamos de um, conseqüentemente se faz necessário falar dos outros dois. Dessa forma, esses três conceitos definem o que os filósofos chamam de realidade humana, ou condição humana, ou seja, aquilo que

propriamente caracteriza o homem no mundo. Quando falamos “condição humana” entramos em um ponto crucial no existencialismo, pois é só a partir das realizações do homem que o ser surge no mundo. O homem como o único ente consciente no mundo é responsável por quem ele é e também pelo que o resto da humanidade pode ser, pois suas ações não influenciam apenas a si mesmo, mas também aos outros. Assim, para compreender como o homem tem diante de si o papel de protagonista de sua própria existência e, ao mesmo tempo, redentor de toda a humanidade adentraremos nos princípios que o existencialismo sartreano utiliza para explicar a relação entre a individualidade de cada sujeito e a responsabilidade que existe nas inter-relações que se manifestam entre os homens.

Faz-se necessário agora aprofundarmos nossa investigação dentro do âmago do ser, com o intuito de compreendermos a estrutura que fornece ao homem a condição de liberdade. Deste modo, abordaremos os conceitos que estão ligados basicamente à liberdade: a angústia e o nada. A angústia aparece ao homem como um sintoma de sua condição de abandono, pois o homem é jogado no mundo completamente desprovido de parâmetros para justificar sua conduta. Ele é completamente responsável por suas ações e, na medida em que se engaja em seu projeto de existência a partir de suas escolhas, está criando sua identidade. O nada tem sua origem no interior do ser-Para-si/consciência de modo que só podemos falar do nada se nos remetermos diretamente ao ser. O nada está intrinsecamente ligado à liberdade, pois a própria estrutura do ser-Para-si permite o seu aparecimento. É a partir do homem que o nada surge, pois é sempre necessária a estrutura do Para-si como abertura para o nada.

Isso se dá pelo fato do homem ser o único ente que tem consciência de sua existência. A indeterminação que a liberdade proporciona ao homem mergulha o ser em negação, trazendo ao mundo o nada.

Este artigo volta-se para a compreensão do conceito de liberdade no existencialismo sartreano, para tanto, trabalhei com as obras do autor Sartre: *O ser e o nada*, e o *Humanismo é um existencialismo*; e a obra de Søren Kierkegaard: *O conceito de angústia*.

Este texto está organizado inicialmente da seguinte maneira: Como o nada aparece, a angústia, o homem é condenado a ser livre, as considerações finais, e por último as referências bibliográficas.

2. COMO O NADA APARECE

A compreensão do conceito de nada no existencialismo é algo de fundamental para se entender a estrutura em que o ser-Para-si se sustenta. O nada sartreano, diferentemente das

concepções anteriores que o compreendiam como uma dualidade em que o ser está logicamente ligado, é um reflexo direto da condição do ser-Para-si como uma realidade concreta no mundo. A consciência é a chave para a abertura do ser no mundo. Em Sartre, como em Edmund Husserl (1859-1938), quando falamos de consciência designamos sempre a consciência intencional de alguma coisa. Para o autor, a consciência em si mesma é vazia, ou seja, nada. Ela só pode ser alguma coisa quando é preenchida por algo. Assim, diferente de Husserl a consciência humana é a porta para o aparecimento do ser no mundo, pois ela consegue fazer um movimento fora de si mesma, se projetando no mundo através da liberdade.

A angústia é apresentada através do desamparo que é existir sem qualquer fundamento que estabeleça um parâmetro para as ações humanas. O homem está mergulhado na dúvida, e ele se dá conta de sua contingência na gratuidade de sua própria existência. Ele tem diante de si apenas um caminho cheio de incertezas, o que torna qualquer projeto no seu horizonte um dilema que ele mesmo tem que resolver. Na angústia, o homem tem uma experiência direta com o nada. Quando entramos em contato com a angústia (ou ela conosco) é nesse momento que é possível ter um vislumbre do ser. É nessa relação que o nada toma espaço, pois é na própria estrutura antológica que possibilita o aparecimento do ser que o nada toma forma, ou seja, em ações concretas no mundo. Não obstante, o nada também aparece nesse processo, pois, quando a consciência projeta a si mesma no horizonte da vida ela observa ao mesmo tempo o abismo que existe entre o fazer e o ser. A consciência esbarra na contingência que é a condição humana, portanto, dentro do próprio ser, ela carrega o nada.

O nada não pode ser uma abstração de uma entidade metafísica completamente fora da condição humana, o nada está na própria condição humana. O nada no existencialismo toma um rumo completamente distinto do que o sentido tradicional o identificava. Em Sartre, o nada deixa de ser uma dualidade existente no sentido de uma *essência* que fundamentaria toda a estrutura do ser, para se tornar a própria estrutura que possibilita o ser-Para-si.

A *essência*, com efeito, sempre foi a raiz central em toda a metafísica tradicional. Desde os primeiros passos do pensamento racional sempre se perguntou qual era a essência, a origem ou a natureza das coisas. No existencialismo sartreano o homem não tem uma essência predeterminada que o obrigue a ser ou agir dentro de uma forma fixa. A essência é suprimida, do contrário o homem não poderia ser livre. Se no homem existisse uma essência, logicamente ela seria anterior à sua existência, algo ou alguém teria que ter pensado nessa essência, dessa forma o homem não seria diferente de uma cadeira ou de uma tesoura. Como a essência é anterior à própria existência ele não poderia ser diferente do que é. Ele seria um ser

completo, sem qualquer abertura para a mudança, o que é exatamente o oposto da visão do filósofo francês.

O ser de cada ente, para Sartre, pode se apresentar de três maneiras, o ser-Em-si, o ser-Para-si e o ser-Para-outro. O primeiro, o ser-Em-si, refere-se aos objetos e aos seres vivos sem consciência de si mesmos como os animais e as plantas. Eles são Em-si, pois não há nenhuma indeterminação em relação ao que eles propriamente são. Seu ser permanece estático, eles são propriamente determinados ou, como o próprio autor afirma: “O ser é. O ser é em si. O ser é o que é” (SARTRE, 1997, p. 40). Dessa forma, eles não podem ir além do que sua própria condição permite. Tudo que eles podem ser eles o são. No entanto, eles não são livres, pois sua condição não permite que transcendam o que eles são. Fechados em si mesmos e completos, sua estrutura permanece intocada pelo nada e dessa forma o ser-Em-si é a causa de sua própria existência.

O ser-Para-si é o inverso do ser-Em-si, ele é, para o Sartre, a consciência. O ser-Para-si é a forma na qual o homem pode ser livre, ele não é determinado e sempre está em processo de constante mudança e aprimoramento. O ser-Para-si é próprio do ser humano, pois é só ele que pode fazer o movimento de autopercepção de sua consciência. Aonde ele se dá conta de sua condição de abandono e solidão, pois é na consciência de seu estado de desamparo e finitude que o homem pode ser livre. Se é por suas próprias ações que o homem constrói a si mesmo, então é a indeterminação que dá origem à condição de Para-si, e é nessa relação que é possível ser livre, pois se nada pode determinar sua identidade além de suas próprias ações, então o homem sempre escolhe quem ele quer ser.

Existe uma relação entre o nada e o ser-Para-si, pois o homem é tanto possibilidade infinita quanto negação.

O nada é o ato pelo qual o ser coloca em questão o seu ser, ou seja, precisamente a consciência ou Para-si. É um acontecimento absoluto que vem ao ser pelo ser e que, sem ter ser, é perpetuamente sustentado pelo ser. Estando o ser-Em-si isolado de seu ser por sua total positividade, nenhum ser pode produzir ser, e nada pode chegar ao ser pelo ser, salvo o nada. O nada é a possibilidade própria do ser e sua única possibilidade (SARTRE, 1997, p. 27-28).

O ser-Para-si não é algo concreto que aparece diante do sujeito, ele é sempre possibilidade. Quando a consciência pergunta por si mesma, ela só encontra o nada, pois o Para-si não é algo definido de forma plena, ele sempre está no futuro, no fazer-se, pois quando o homem se utiliza de sua liberdade ele está afirmando quem ele é, mas ao mesmo tempo ele é nada. O Para-si só aparece como um desenrolar-se do ser. O ser carrega nele mesmo o nada

que ele é, portanto, o Para-si encontra-se no limiar do ser, o movimento de projeção que o homem faz de si mesmo, tanto possibilita uma realidade concreta, ou seja, o ser, quanto o nada que é a negatividade que a facticidade proporciona.

O ser-Para-outro é outra categoria do ser que se mostra a partir do homem, a consciência de um eu que interage com os objetos no mundo esbarra na consciência do outro. O olhar de quem somos não é a mesma visão que os outros têm de quem somos. Essa relação acontece entre os indivíduos, pois não somos os únicos que criamos uma imagem de nós mesmos, a consciência não abarca a completude do ser em suas vicissitudes. Se pensarmos em como poderíamos definir nós mesmos então encontraríamos um paradoxo, pois quando a consciência busca por ela mesma só encontra o nada, dessa mesma forma quando o Para-si procura por ele mesmo também encontra o nada como resposta. Mas entre os seres conscientes existe uma inter-relação que eles mesmos criam a partir do que captam da imagem do outro. Se observarmos uma pessoa em seus hábitos e manias, começamos a criar inconscientemente uma imagem de quem ela é. Minha consciência não abarca a totalidade do meu eu, mesmo assim criamos uma imagem de quem nós somos como se observássemos a imagem de um espelho embaçado. O outro faz esse mesmo processo, com a ressalva que ele está criando um eu que está de acordo com a impressão que deixo transparecer de quem sou.

O outro é o mediador indispensável entre mim e mim mesmo: sinto vergonha de mim tal como apareço ao outro. E, pela aparição mesma do outro, estou em condições de formular sobre mim um Juízo igual ao juízo sobre um objeto, pois é como objeto que pareço ao outro. (SARTRE, 1997. p. 290).

Mesmo que o outro crie a partir de sua visão um eu que não nos é conhecido, esse “eu” não é uma mera criação do outro e sim do próprio sujeito. Isso se dá porque o ser que aparece ao outro é propriamente uma manifestação minha em relação com o próximo, meu agir diante da presença de um terceiro faz com que minha consciência crie um aspecto separado de quem aparento ser. Poderemos explicar esse processo melhor dando como exemplo a vergonha. A vergonha é uma manifestação do meu eu. Ao me deparar com o olhar de um terceiro em uma situação embaraçosa a vergonha aparece. Trata-se da vergonha de si diante do olhar do outro, pois não posso ter vergonha quando estou sozinho. Desta forma, na relação que tenho com o outro, manifesta-se um ser que estava oculto em mim. Para compreender os aspectos do meu ser necessito do olhar do outro como um reflexo de minha própria conduta, pois a consciência não alcança a totalidade do ser. O ser-Para-outro é, portanto, uma manifestação do meu ser em contato com o outro. Diferente do Para-si, o ser-

Para-outro não se comporta como um desenrolar-se do ser no mundo, ele aparece como uma evidência da presença do outro. Não posso ignorar a presença do outro, pois o meu ser que interage no mundo necessita do outro para captar sua própria estrutura, de modo que o Para-si adentra o Para-outro como uma consequência direta de sua presença.

É nessas três formas que o ser pode se manifestar no mundo, esses aspectos do ser emergem da consciência e, portanto, são próprios do homem. O nada é a comprovação da contingência da existência humana. A estrutura em que o ser aparece carrega o nada. Como já foi abordado anteriormente, a estrutura do Para-si permite que o nada tome forma por transcender seu próprio bojo. A consciência ao mesmo tempo em que permite a liberdade ao homem também reafirma a gratuidade de sua existência.

3. A ANGÚSTIA

Com a liberdade o homem tem sobre si o peso da responsabilidade de suas ações, ele não pode transferir a culpa de suas escolhas a terceiros. Dessa forma, quando ele escolhe está completamente só, sem nenhum amparo e é nesse momento que a angústia aparece. A angústia se apresenta ao homem em decorrência de seu estado de completo abandono no que diz respeito à condição humana. O homem está só e é responsável por suas ações. Ele olha para o futuro como se olhasse para a fundura de um precipício, a vertigem que ele sente é a angústia que se apresenta no limiar de suas escolhas. Para compreender o conceito de *angústia* é necessário compreender a problemática que se apresenta no desenvolvimento do ser. O homem, diferente de todos os outros entes, tem sua existência anterior a sua essência, como o autor afirma: “a existência precede a essência” (SARTRE, 2013, p. 23). Isto é, ele primeiro existe para depois ser definido, como o exemplo do corta-papel que o filósofo exemplifica em seu texto, a ideia do corta papel é concebida para posteriormente ele ser fabricado.

No homem esse processo não é possível, pois não há nenhuma entidade que o pense anteriormente à sua existência. A ideia de Deus no existencialismo sartreano é abandonada, caso contrário o homem não seria livre. Desse modo, o homem é possibilidade infinita de ser e nada ao mesmo tempo, pois ele se projeta a partir de suas escolhas para algum fim específico, mas sempre com a ressalva de que esse projeto pode ser abandonado durante sua trajetória. Portanto, o homem é Nada, pois sua definição não está determinada, ela está sempre no futuro, no incerto, ele é posto diante do projeto que é sua existência, que só pode

ser definido a partir de suas escolhas. “A consciência é um ser para qual, em seu próprio ser, acha-se a consciência do nada de seu ser”. (SARTRE,1997, p. 92)

A angústia é para o homem a reflexão de sua liberdade como possibilidade de ser, e o nada aparece nessa possibilidade como ausência de determinação do homem enquanto ser livre. Homem é um ser que se cria a si mesmo, pois ele projeta-se por meio de suas escolhas. A angústia se posiciona no preâmbulo das possibilidades de ser, assim a angústia é a consciência da liberdade que surge a partir do nada. A angústia e o nada têm nesse sentido uma ligação entre si, aparecem para o homem como evidência de sua condição como indivíduo livre. A angústia é o primeiro momento de reflexão do homem diante do nada. Assim a relação da angústia e do nada tem como sintoma a indeterminação do ser, haja vista que a liberdade é fundamental para que o ser se projete no mundo. Escreve Sartre:

A liberdade humana precede a essência do homem e torna-a possível: a essência do ser humano acha-se em suspenso na liberdade. Logo, aquilo que chamamos liberdade não pode se diferenciar do ser da “realidade humana”. O homem não é primeiro para ser livre depois: não há diferença entre o ser do homem e seu “ser livre”. (SARTRE,1997. p. 68).

Kierkegaard, anteriormente a Sartre, já tinha observado o fenômeno da angústia. Ele diferencia a angústia do medo, pois ela não é uma disposição diante de algo determinado. Algo que se apresenta em uma relação de ação e reação, pois quando sentimos medo, é o medo de algo ou alguém, sempre dentro dessa relação, mas no caso da angústia sua origem é o próprio indivíduo. Ele se angústia por não conseguir um amparo de alguma instância legisladora para fundamentar suas escolhas, a angústia se apresenta como uma apreensão refletida de si. Em sua obra *O Conceito de Angústia* (1844) Kierkegaard tem uma concepção de angústia que é equivalente à vertigem que o homem tem diante de um precipício. Se andarmos à beira de um precipício e nos depararmos com uma fundura, colocaremos a nós mesmos diante da possibilidade de cair em algum momento, ou simplesmente o chão se romper sob nossos pés, ou algo nos empurre para baixo. Por andar próximo a um precipício essas situações podem vir a acontecer, nesse sentido a angústia ainda não está agindo, apenas o medo.

A angústia só se faz presente quando começamos a refletir do ponto vista de nossas ações. Ando à beira de um abismo, devo agir de forma prudente, mesmo assim posso perder o equilíbrio e despencar, posso me atirar por vontade própria, ou me desesperar por causa da altura. Dessa forma, o indivíduo não tem medo propriamente do abismo, e sim de sua possibilidade de escolha diante da aparição do abismo em seu horizonte.

O medo é ainda algo que aparece no primeiro momento, não há reflexão no medo, ou mesmo não existe uma relação entre Para-si e o medo, a angústia se manifesta como uma transcendência da consciência do indivíduo, dessa forma, a angústia é um fenômeno que parte inteiramente da subjetividade. A angústia tem uma relação direta com a consciência, pois é necessário que haja um movimento de autorreflexão para que a angústia se torne evidente. Quando o homem se lança em seu projeto existencial ele está fadado a ser livre, o Para-si manifesta-se como o fenômeno de revelação do ser, não de forma plena, mas ao passo que o homem exerce sua liberdade ele está criando sua identidade. A angústia é a presença do nada no horizonte do ser. Por ser sempre vir-a-ser o homem nunca cessará de manifestar sua presença no mundo, ou seja, enquanto ele existir seu ser não estará completo, e a angústia também o seguirá em cada projeto. O homem é uma síntese entre o nada e o ser, e a angústia encontra-se no limiar desses dois conceitos, portanto ela é uma manifestação da presença do homem no mundo. Sobre isso escreve Kierkegaard:

Angústia pode-se comparar com a vertigem. Aquele, cujos olhos debruçam a mirar uma profundidade escancarada, sente tontura. Mas qual é a razão? Está tanto no olho quanto no abismo. Não tivesse ele encarado a fundura!... Deste modo, a angústia é a vertigem da liberdade, que surge quando o espírito quer estabelecer a síntese, e a liberdade olha para baixo, para sua própria possibilidade, e então agarra a finitude para nela firma-se. (KIERKEGAARD, 2011. p.67).

A angústia que o autor identifica como vertigem da liberdade, é a compreensão da possibilidade de ser, mas enquanto possibilidade ele é nada ao mesmo tempo. Diante dessa visão que apavora o homem que observa o abismo, o nada toma forma, pois a condição como ser livre que o homem possui abre espaço para que ele apareça. Ele tem que por si mesmo fundamentar seu projeto de existência por meio da afirmação de sua liberdade, mas para isso tem que olhar para a fundura escancarada que é o Nada. Sartre afirma que: “o homem é o ser pelo qual o nada vem ao mundo” (SARTRE, 1997, p. 67). Desse modo, o homem tem diante de si o nada como horizonte prévio de sua condição. Ao transportar o ser para o futuro, o homem dá os primeiros passos em direção a esse fim, mas como um viajante em meio a um vasto deserto que se apresenta no seu campo de visão, o ser só é visto como miragens em seu caminho.

4. O HOMEM É CONDENADO A SER LIVRE

A liberdade em Sartre é diferente do conceito de liberdade, por exemplo, dos cristãos. O livre-arbítrio da doutrina cristã coloca a liberdade anterior à ação, apresentando a liberdade de escolha. O existencialismo sartreano diferencia-se da compreensão de “livre-arbítrio” porque a liberdade está sempre no *ato*. No livre-arbítrio o homem é livre antes da escolha, por exemplo, é livre para escolher entre comer e não comer uma maçã. Sua liberdade existiria antes do ato. No existencialismo ele só é livre quando exerce a ação de tomar para si a fruta ou de dispensá-la.

O homem só é livre quando afirma sua liberdade na ação concreta, desse modo poderíamos dizer que o homem é um projeto inacabado que sempre está em processo de construção, o fazer-se é o único fundamento de seu projeto existencial, ao passo que, quando ele afirma sua liberdade em ações concretas no mundo ele está construindo sua própria identidade, seu ser. Nas palavras de Sartre:

Estou condenado a existir para sempre para-além de minha essência, para-além dos móveis e motivos de meu ato: estou condenado a ser livre. Significa que não se poderia encontrar outros limites à minha liberdade além da própria liberdade, ou se preferimos, que não somos livres para deixar de ser livres. (SARTRE, 1997. p.543-544).

A condenação por ser livre que o autor afirma em sua filosofia é o peso que a liberdade proporciona ao homem. O autor coloca sobre o homem toda a responsabilidade de suas ações. Dessa forma, ele não pode se eximir ou se alienar de suas escolhas, entretanto ele não é apenas responsável por si mesmo, mas por todos, pois suas ações não afetam apenas ele. O homem encontra-se em um estado de desamparo, pois se não existe nada que possa ser usado como fundamento de sua conduta, exceto sua liberdade, ele sempre estará “fadado” a ser o que ele escolheu. Se Deus não existe, por consequência, todos os valores que advêm de sua existência deixam de fornecer amparo, o homem tem que criar valores próprios que o permita legislar sua conduta. Não há nenhuma norma moral que possa determinar a conduta de um indivíduo anteriormente à ação de escolhê-la. Como tal, se resolvo seguir os mandamentos bíblicos como fundamento da minha vida, na ação de praticar a conduta cristã estou primeiro exercendo minha liberdade de assumir um norma moral. Dessa forma, por mais que o homem tente se eximir da liberdade ele não pode deixar de ser livre, pois estará negando a condição prévia de escolha.

O existencialismo não é, sobretudo, um ateísmo no sentido de empenhar-se para demonstrar que Deus não existe. Declara, ao contrário que, mesmo que Deus exista, isso não mudaria nada; este é nosso ponto de vista. Não quer dizer que creiamos que Deus exista, mas que achamos que o problema não é sua existência ou não. O Homem precisa encontrar-se ele próprio e convencer-se de que nada poderá salvá-lo de si mesmo, mesmo que houvesse uma prova incontestável da existência de Deus (SARTRE, 1997. p. 61-62).

A problemática existencial em Sartre não está voltada para suprimir a ideia de Deus, e sim, para fundamentar a existência concreta do homem. O projeto existencial que cada indivíduo constrói durante sua vida é uma consequência direta de suas escolhas. Ele não pode enganar a si mesmo tentando justificar suas ações por intermédio de terceiros, ao tomar uma decisão, ele escolhe por si e por toda a humanidade. A liberdade proporciona inúmeras consequências que o homem tem que enfrentar, em Sartre a liberdade vem sempre acompanhada de uma carga de responsabilidade, o comprometimento do homem em seu projeto existencial é de extrema importância para o autor. Se o homem está só tem que escolher inteiramente por si mesmo e por toda a humanidade. Faz-se necessário que exista um engajamento em seu projeto existencial.

Quando nos recusamos a ser livres, ou recusando a assumir o peso das consequências de sermos livres, estamos dessa forma agindo de má-fé segundo o autor. A má-fé seria uma atitude de negação de sua condição de liberdade, dessa forma, alguém que não exerce sua liberdade de forma plena, assumindo todos os riscos de suas ações está negando sua condição, está agindo de má-fé, ou seja, mentindo para si mesmo. Quando dizemos que tal indivíduo está agindo de má-fé não queremos dizer que ele seja simplesmente uma pessoa que mente, a mentira nos seus termos mais frequentes é diferente da má-fé. Por exemplo, quando nos deparamos com uma situação em que uma pessoa próxima age de forma leviana e promete que tal atitude não se repetirá no futuro, mas o outro tem consciência que, de fato as palavras dessas pessoas não podem ser levadas a sério, pois a ação leviana é recorrente, e que esse indivíduo das outras vezes agiu da mesma forma, justificando que tais atitudes não foram propositais e que não se repetirão no futuro, temos uma clara atitude de má-fé. Se ajo de tal forma consciente de minha ação, e ela é prejudicial a terceiros, e mesmo assim a faço e sou apanhado, tento justificá-la, “tal ação foi causada por isso ou aquilo”, a ação é dessa forma de má-fé, pois atribuo a ação a terceiros, afastando dessa forma a responsabilidade do ato.

A má-fé pode ser explicada de forma mais simples se pensarmos em alguém que se aliena de sua condição de liberdade camuflando sua conduta, empregando táticas evasivas, para com isso se eximir da culpa. Como alguém que trai sua esposa e tenta se explicar falando que foi tomado por um “desejo maior do que ele”, essa conduta é uma tentativa de negar sua

condição de ser livre. Se escolho ir para um bar embriagar-me e em seguida sair com outra mulher para um motel, não posso atribuir as consequências à bebida ou a um “desejo fora de mim”. Se pratico a ação de embriagar-me, faço pois sou livre para fazê-lo, tenho consciência dos efeitos do álcool, ainda que não tenha total consciência das consequências que a ação de embriagar-me pode acarretar.

A conduta de má-fé em sua estrutura assemelha-se à mentira, mas na má-fé não estou escondendo a verdade à outra pessoa, estou escondendo de mim mesmo. Na consciência de quem pratica a má-fé não existe uma dualidade, a má-fé não é um fenômeno que advém externamente, como a mentira, antes parte de sua própria consciência, fomentando uma conduta evasiva diante de uma situação comprometedora. Dessa forma, nunca agimos de má-fé por intermédio de outros.

A liberdade não é um fenômeno que se restringe apenas ao particular, como se é pensado de costume. A liberdade no existencialismo é algo que parte do singular para o universal: “E quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que ele é responsável estritamente por sua individualidade, mas que é responsável por todos os homens.” (SARTRE, 2013, p. 26). O homem é livre, mas para que exerça sua liberdade em completude, o outro também tem que ser, ou seja, a liberdade não é algo desprovido de responsabilidades, mas sim um caminho pelo qual o homem encontra a si mesmo entre os demais. Ela afirma sua individualidade sem com isso afastar o homem dos seus iguais, assim a liberdade é algo essencialmente positivo ao homem, pois o coloca em ação, ela torna o homem “dono” de si mesmo, enfatizando sempre uma ideia de que ele não está sozinho, de modo que a ideia de liberdade no existencialismo de Sartre aproxima o homem de si mesmo e de toda a humanidade.

O que está em jogo no existencialismo sartreano não é apenas a liberdade individual, mas a liberdade de toda a humanidade, partindo do pressuposto de que, quando escolhemos temos que escolher por todos, quando escolhemos estamos dessa forma afirmando quem somos, ou quem queremos ser, de sorte que é de total importância agir de forma plena, ou seja, afirmando minha condição de completa liberdade e se comprometendo sempre com outrem. E assim, viver de tal modo que sua liberdade seja inesgotável dentro da possibilidade que a condição humana proporciona. O único parâmetro que pode limitar a liberdade de um indivíduo é a liberdade do outro, dentro dessa lógica tudo que o homem escolher faz parte de quem ele é, e também dos outros. “O homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas o que escolhe ser, mas também um legislador que escolhe ao mesmo tempo o que será

a humanidade inteira, não poderia furtar-se do sentimento de sua total e profunda responsabilidade” (SARTRE, 2013, p. 28).

É em ações concretas no mundo que o homem manifesta – não de maneira plena, mas sempre à frente, no campo do possível, no fazer-se – que é um ser-Para-si. A consciência de si é o fundamento pelo qual se articula todo o projeto existencial, tendo em vista que o ser só se apresenta diante da possibilidade de também não ser. O homem é Para-si, pois ele consegue fazer esse movimento de transcendência da consciência. Assim quando o homem engaja-se em seu projeto de existência ele está construindo sua identidade, portanto, quando ele afirma sua liberdade através de ações, ele está ao mesmo tempo afirmando seu ser e também o nada que existe no movimento de transcendência que a consciência faz de si mesmo.

Não existe um parâmetro que possa determinar o Para-si, pois ele só é enquanto possibilidade que se apresenta no horizonte do ser, assim o ser só existe em virtude de sua condição de completa liberdade no decorrer de cada projeto que o homem assume. Só o homem é livre, pois apenas ele é Para-si, todos os outros entes são Em-si, ou seja, a pedra, ou o corta-papel não podem ser outra coisa senão eles próprios, não há contradição no âmago do seu ser. Só o homem tem consciência de sua existência: “Toda existência consciente existe como consciência de existir” (SARTRE, 1997, p. 25).

A consciência de sua própria existência é o que diferencia o homem de todos os outros entes, ele como ser privilegiado tem diante de si inúmeras possibilidades para escolhas, mas ele só pode exercer uma delas abandonando todas as outras, mas isso não o impossibilita de desistir deste para recomeçar novamente. Desse modo, ele é enquanto possibilidade, mas também é nada por não existir nenhuma determinação em seu ser. O ser-Para-si é provisoriamente nada, pois o homem tem em seu horizonte um número infinito de possibilidades. Assim, é a indeterminação que existe no âmago do ser que faz com que o nada apareça.

Esse paradoxo é o que diferencia o homem do corta-papel, ou de qualquer outro ente. Sua existência é anterior a sua essência, desse modo ele primeiro existe para depois ser definido. A liberdade se apresenta no seu horizonte de possibilidades como o combustível que o ser humano utiliza para alcançar seu objetivo. O completo desamparo em que se encontra o homem é a consequência de sua condição de completo abandono, tanto que o homem é um projeto a se fazer e cada um tem que se engajar o máximo possível no seu. O desamparo é a ausência de instâncias que legitimem sua ação, a liberdade é o único fundamento de suas escolhas, assim o homem está só e sem desculpas. No existencialismo sartreano já não

podemos recorrer a nenhuma entidade, seja metafísica ou moral, para nos guiar. Como o próprio autor afirma:

Com efeito, tudo é permitido se Deus não existe, conseqüentemente, o homem encontra-se desamparado, pois não encontra nem dentro nem fora de si mesmo uma possibilidade de agarrar-se a algo. Sobretudo, ele não tem mais escusas. Se, com efeito, a existência precede a essência, nunca se poderá recorrer a uma natureza humana dada e definida para explicar alguma coisa; dizendo de outro modo, não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade. (SARTRE, 1997, p. 32-33).

A liberdade aparece sempre como tentativa de preencher o nada que se encontra no homem, dessa forma poderíamos comparar o projeto existencial sartreano como a uma corrida em direção a si mesmo, mas de tal maneira que nessa corrida o homem estaria ao mesmo tempo perseguindo o ser e o nadificando. Pois o ser está no fazer-se, na afirmação da liberdade como conduta. Tudo o que o homem é ou pretende ser parte exclusivamente de sua liberdade, por isso o autor enfatiza o engajamento do homem em seu projeto existencial. Assim o homem não pode se furtar do sentimento de desamparo que a liberdade proporciona, e também do peso da responsabilidade que é posto sobre ele. No entanto, a liberdade é algo extremamente positivo ao homem, se cabe unicamente ao indivíduo legislar sua conduta, ele tem total autonomia para decidir quem ele pretender ser, ao passo que quando ele escolhe não está apenas escolhendo para si, mas sim para toda a humanidade, dessa forma ele não poderá escolher algo ruim nem para ele nem para os outros.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao final de nossa investigação acerca do conceito sartreano de liberdade, e podemos observar a diferença que existe entre a ideia tradicional de liberdade e a defendida pelo autor. O que o filósofo demonstrou através de seu posicionamento filosófico é como o conceito de liberdade está ligado à condição humana, sendo as duas coisas lados de uma mesma moeda. O homem é o resultado daquilo que escolhe para si, por conseqüência, ele é responsável por ele e por toda a humanidade. Adentramos no cerne da filosofia do autor para compreender a vastidão do conceito trabalhado. O conceito de liberdade para Sartre está muito distante da concepção tradicional, pois sempre se manifesta através de ações, o que o diferencia do senso comum de liberdade. Quando o homem engaja-se em um projeto tem diante de si o compromisso e a responsabilidade, não existe nenhum parâmetro moral absoluto que ele possa se utilizar para justificar suas escolhas. A liberdade do outro é a única

coisa que pode limitar a sua própria liberdade. Dessa forma, quando o homem escolhe está sozinho, mas não escolhe apenas para si. A angústia é uma manifestação da liberdade, quando o homem observa o seu horizonte de possibilidades também avista o abismo que existe entre eles, ou seja, o nada. Tanto a angústia quanto o nada fazem parte da condição humana, a liberdade é o que torna possível todo e qualquer projeto humano no mundo.

A liberdade é sem dúvida um dos pilares que sustenta a sociedade, sendo ela um direito de cada indivíduo e o motor que impulsiona o progresso da humanidade. É com certeza um conceito que deve ser abordado com seriedade e bom senso. Sartre através de sua obra apresentou a liberdade inerente à condição humana, e por esse motivo ela é parte fundamental de sua existência, ela é essencialmente positiva, pois reafirma o papel do homem em seu projeto existencial particular, e também enquanto indivíduo que compõe uma parte de um grupo, pois o autor reforça a responsabilidade e engajamento como uma consequência lógica da condição de ser livre.

REFERÊNCIAS

KIERKEGAARD, Søren. **O Conceito de Angústia**: Uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmática do pecado hereditário. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro. Petrópolis, RJ: Vozes (Coleção Vozes de Bolso), 2011.

SARTRE, Jean- Paul. **O Ser e o Nada**: Ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução de Paulo Perdiggão, Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SARTRE, Jean- Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. Tradução de João Batista Kreuch, Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

AGRADECIMENTOS

Ao professor **Ramon Germano** pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

À minha mãe **Maria José Oliveira Silva** e meu pai **Narciso Lustosa**, por todo apoio não só durante minha jornada acadêmica, mas na vida.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

À **banca examinadora** pela atenção dada a este trabalho e pela sua valiosa contribuição para maior aperfeiçoamento do mesmo.

Aos **funcionários da UEPB**, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

OBRIGADO A TODOS!